

INSURGÊNCIA E EMERGÊNCIA NO NOVO TEMPO DO MUNDO

PEDRO HENRIQUE MAGALHÃES QUEIROZ - Graduando em Filosofia/Licenciatura
pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).
pedrohenrique_ec@hotmail.com

Resumo: Paulo Arantes em seu recente livro intitulado *O novo tempo do mundo* (2014), afirma que o *Zeitgeist* da nossa época é a reversão do horizonte de ilimitadas expectativas próprio à geocultura do Progresso em uma era de expectativas decrescentes. Nesse sentido, as contradições e os limites socioambientais e econômico-financeiros instaurados pela ordem capitalista, agora em escala planetária, instituem uma política de emergência por parte do Estado, sob a forma da austeridade econômica, ambiental e do controle policial. Tais medidas passam também a serem incorporadas pela esquerda institucional, as quais se apresentam sob a forma da escolha do mal menor. É nesse contexto que entram as atuais insurgências como um mecanismo de interrupção do curso catastrófico do mundo. No entanto, as mesmas vêm paulatinamente sendo reintegradas pela reação do Estado, se tornando outro ponto de apoio para a manutenção do *status quo*.

Palavras-chave: *insurgência; emergência; novo tempo do mundo*

I. Capitalismo globalizado

É no último quartel do século XX que se consolida a hegemonia global do *sistema-mundo*¹ da economia capitalista, sob a alcunha apenas de globalização. Tal hegemonia planetária foi a linha do horizonte desde as grandes navegações e – na ótica dos vencedores, que costuma servir de lente para a miopia dos vencidos – a descoberta do novo mundo.

Nesse percurso parece ter havido uma reviravolta: se o estabelecimento da separação entre *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa*², oriunda do rompimento com a tradição, é a marca fundante do moderno *tempo do mundo*³ e de sua política progressista orientada para o futuro em aberto; parece ser a partir do decréscimo das expectativas no capitalismo globalizado da virada do séc. XX para o séc. XXI que se estabelece a reconciliação entre experiência e expectativa “depois de seu longo divórcio progressista”⁴, configurando, assim, o novo tempo e sua gestão emergencial do presente.

Atendo-nos a um panorama da globalização capitalista – a mudança de época que aqui interessa apontar –, a sua origem dá-se em torno dos anos de 1970 do breve, ou longo, séc. XX. Os anos de chumbo nos países do Cone Sul e da Europa Ocidental, por exemplo o auge do regime militar no Brasil e do regime democrático de exceção na Itália, foram o marco inicial da reestruturação produtiva a nível global; da derrota e conseqüente integração dos movimentos revolucionários após 1968; e do limite da relação ambiental predatória estabelecida até aqui.

No que toca a reestruturação produtiva, as três principais características econômicas do mundo globalizado são: (a) a financeirização da economia, ou

¹ WALLERSTEIN, Immanuel. *O Sistema Mundial Moderno, Vol. I: A Agricultura Capitalista e as Origens da Economia-Mundo Europeia no Século XVI*. Porto: Edições Afrontamento, 1990.

² KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-RJ, 2006.

³ BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material, Economia e Capitalismo - Séculos XV-XVIII: Tempo do Mundo, Vol. III*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

⁴ ARANTES, Paulo. *O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência*. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 97.

predomínio do capital financeiro; (b) a terciarização, ou aumento do setor de serviços; e (c) a terceirização, ou privatização neoliberal com respectiva precarização das relações de trabalho. Essas características estão situadas no interior da contradição entre o desenvolvimento técnico e as relações sociais de produção:

De fato, as bases técnicas para a superação da pré-história da humanidade estão finalmente dadas, e, no entanto, esse limiar emancipatório brilha sob a luz negra de um atoleiro sem fim, o vasto aterro sanitário de homens e mulheres a um tempo descartados e ‘recapturados’ por motivo de irrelevância econômica. Esse buraco de agulha para elefantes é a contradição terminal do nosso tempo: o reino da liberdade está enfim à vista e todavia iremos todos morrer na praia da mais crassa necessidade material, como se ainda engatinhássemos nos tempos da pedra lascada. A contradição deste último capítulo que não acaba de acabar - a liberação possível do fardo da exploração como condição do progresso tornou-se a rigor uma verdadeira expulsão, por assim dizer, na boca do guichê -, foi no entanto identificada por Marx desde a origem: a compulsão do capital a eliminar do processo de valorização econômica a fonte mesma de todo o valor, o trabalho vivo.⁵

II. O moderno e o novo tempo do mundo

O conceito de tempo do mundo, por um lado, demarca para a história universal uma descontinuidade entre as épocas e, por outro, uma descontinuidade no interior de cada época. Falar de um dado momento do desenvolvimento das forças produtivas ou da experiência política não significa anular as diferenças de época em uma leitura materialista linear da história. Trata-se, sim, de definir “em que ‘hora do mundo’ nos encontramos” no interior do “tempo do mundo que nos interessa [...] o da economia-mundo europeia em expansão na forma de ciclos sistêmicos de acumulação”⁶.

⁵ Idem, p. 315.

⁶ Idem, p. 30

No que toca a primeira descontinuidade, a questão é dimensionar “a mudança social substantiva na origem do mundo moderno”⁷. Já em relação à segunda,

[...] esse Tempo do Mundo não pode ser a totalidade da história dos homens. Estamos às voltas com [...] um ‘tempo excepcional’ que governa, segundo os lugares e as épocas, certos espaços e certas realidades. Neles é que se vive verdadeiramente na ‘hora do mundo’[...] É assim que podemos encontrar por toda parte zonas em que o ‘tempo do mundo’ não repercute... mesmo nas Ilhas Britânicas da Revolução Industrial.⁸

O moderno tempo do mundo instaurado pela economia capitalista é constituído de modo paradoxal: “uma economia-mundo capitalista, em expansão permanente desde o nascedouro, só se legitima perante uma combinação paradoxal entre o sempre igual da acumulação como fim em si mesmo e um horizonte igualmente ilimitado de expectativas”⁹. Trata-se da interpenetração do tempo cíclico pagão e do tempo linear judaico-cristão sob a forma da acumulação de capital como eterno retorno, nas palavras de Walter Benjamin, ou, nas palavras de Guy Debord¹⁰, como presente perpétuo, e sua respectiva “geocultura de legitimação”¹¹, o Progresso.

O novo tempo do mundo é a reversão desse horizonte de ilimitadas expectativas em uma *era das expectativas decrescentes*¹² sob forma de um “estado de perpétua emergência”¹³ no qual o presente, como único futuro possível, ou permitido, é agenciado pelo princípio do “mal menor”¹⁴.

⁷ Idem, p. 28.

⁸ Idem, p. 30.

⁹ Idem, p. 48.

¹⁰ A tese do eterno retorno se encontra em BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. A tese do presente perpétuo se encontra em DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

¹¹ ARANTES, *op. cit.*, p. 53-54

¹² LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em Declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

¹³ ARANTES, *op. cit.*, p. 77.

¹⁴ Idem, p. 357.

III. Movimentos anti-sistêmicos, espetacular integrado, questão ambiental

É nessa esteira que, após a derrubada do muro de Berlim e a queda da URSS, quando se fala no fim da história e das utopias, se insurge no México o “marco zero de todo o novo período, o levante zapatista de 1º de janeiro de 1994”¹⁵ contra a entrada em vigor do Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA). Nessa mesma conjuntura também se insurge outro movimento anticapitalista anti-sistêmico, mais conhecido por “movimento antiglobalização” ou “movimento de movimentos”, enquanto resistência, simultaneamente espontânea e articulada pela Ação Global dos Povos (AGP), ao modo como o capitalismo, a partir dos encontros de órgãos como OMC, FMI e BID¹⁶, reconfigurava sua atuação em plano mundial. Tem-se como exemplos dessa resistência Seattle, no encontro da OMC (1999); Praga, no encontro do FMI e do BID (2000); e Gênova (2001), no encontro do G8.

Esses dois movimentos apresentam certas particularidades. Para o movimento zapatista, “A história não se transforma a partir de praças cheias ou multidões indignadas, e sim [...] a partir da consciência organizada de grupos e coletivos que se conhecem e reconhecem mutuamente, abaixo e à esquerda, e constituem outra política”¹⁷. A AGP, por sua vez, nasce em 1998 no Encontro Pela Humanidade e Contra o Neoliberalismo, convocado pelos zapatistas, com “uma postura de confronto através da ação direta e, ao mesmo tempo, a construção de alternativas globais para o poder do povo”¹⁸. Ambos trazem consigo, a seu modo, formas libertárias de enfrentamento: a autogestão (não se visa o controle do Estado); a autonomia local e dos grupos de afinidade; a horizontalidade da coordenação em rede; o anonimato.

Ainda no ano de 1994, se suicidava Guy Debord. Dentre os seus textos, os

¹⁵ Idem, p. 377.

¹⁶ Organização Mundial do Comércio, Fundo Monetário Internacional e Banco Interamericano de Desenvolvimento, respectivamente.

¹⁷ MARCOS, Subcomandante Insurgente. *Nem o centro e nem a periferia* – sobre cores, calendários e geografias. Porto Alegre: Deriva, 2008, p. 56-57.

¹⁸ ANDREOTTI, Bruno. *Movimentos antiglobalização & práticas anarquistas*. Disponível em: <<http://www.nu-sol.org/agora/pdf/brunoandreotti.pdf>>. Acesso em 8 de novembro de 2014.

*Comentários sobre a sociedade do espetáculo*¹⁹ (1988) são particularmente importantes, pois apontam, vinte anos após o maio de 1968 francês, a integração entre espetacular difuso/liberal e concentrado/burocrático, denominado por ele de espetacular integrado, para o qual confluem fatores históricos como “papel importante de partido e sindicato stalinistas na vida política e intelectual, fraca tradição democrática, longa monopolização do poder por um único partido governamental, necessidade de acabar com a contestação revolucionária surgida de repente”²⁰.

O principal laboratório do espetacular integrado foi a Itália em seus anos de chumbo:

A Itália resume as contradições sociais de todo o mundo e tenta [...] amalgamar num só país a Santa Aliança repressiva do poder de classe, burguês e burocrático-totalitário... Sendo no momento o país mais avançado no movimento em direção à revolução proletária, a Itália é também o laboratório mais moderno da contra-revolução internacional.²¹

Esse novo tempo do mundo, o tempo do espetacular integrado, é também marcado pela emergência da crise ambiental, “A poluição dos oceanos e a destruição das florestas equatoriais ameaçam a renovação do oxigênio na Terra; a camada de ozônio não suporta o progresso industrial; as radiações de origem nuclear se acumulam de modo irreversível”²². Emergência ao mesmo tempo global e cotidiana enquanto riscos e consequências reais, e dispositivo de controle: “Rastreio, transparência, certificação, eco-taxas, excelência ambiental, polícia da água auguram o estado de exceção ecológico que se anuncia”, em outros termos, “É em nome da ecologia que será necessário apertar os cintos daqui para frente, tal como o foi em nome da economia até aqui”²³.

¹⁹ Texto incluso em DEBORD, *op. cit.*.

²⁰ *Idem*, p. 172-173.

²¹ *Idem*, p. 159-160. Ao contrário das demais, essa citação foi retirada do Prefácio à 4ª edição italiana (1979) do livro *A sociedade do espetáculo*.

²² *Idem*, p. 193.

²³ COMITÉ INVISÍVEL. *A insurreição que vem*. Brasil: Edições Baratas, 2013, p. 82-83.

Em decorrência disso, observa-se o surgimento de inúmeras medidas que visam o melhor controle da produção tendo em vista não apresentar grandes danos ambientais. Assim, desde os anos de 1970 se circunscrevem aos novos imperativos da acumulação o apelo à sustentabilidade, tanto como discurso das Nações Unidas, quanto como práticas alternativas integráveis, por exemplo, a permacultura.

IV. O Brasil na rota de colisão do novo tempo e o caráter das insurgências

Em terras nada tupiniquins atualmente confluem alguns dos elementos até aqui indicados, por exemplo, a herança da Ditadura civil-militar na ordem supostamente democrática²⁴ e os doze anos do governo do Partido dos Trabalhadores (PT) com respectivo atrelamento sindical ao Estado e construção de uma “Cidadania Regulada”²⁵. Em uma relativa contramão da ordem global, o gigante acordou²⁶ (economia emergente e ascensão conservadora) e tem a maior fatia de recursos naturais do planeta; mas possui atravessada na garganta a terceira maior população carcerária do mundo e a insurgência iniciada em junho de 2013 contra o aumento das passagens e os gastos com a Copa do Mundo.

Economia emergente e ascensão conservadora, ou desenvolvimento econômico e segurança pública, são o antigo binômio da ditadura militar, agora sob a forma de uma gestão armada da vida social, particularmente nas periferias²⁷, e de um

²⁴ “Assim sendo, poderemos ser mais específicos na pergunta de fundo: o que resta da ditadura na inovadora Constituição dita Cidadã de 1988? Na opinião de um especialista em instituições coercitivas, Jorge Zaverucha, pelo menos no que se refere às cláusulas relacionadas com as Forças Armadas, Polícias Militares e Segurança Pública – convenhamos que não é pouca coisa –, a Carta outorgada pela Ditadura em 1967, bem como sua emenda de 1969, simplesmente continua em vigor. Simples assim [...] Do Banco Central ao Código Tributário, passando pela reforma administrativa de 1967, a Constituição de 1988 incorporou todo o aparelho estatal estruturado pela Ditadura” (ARANTES, *op. cit.*, p. 289 e p. 298).

²⁵ *Idem*, p. 386-387.

²⁶ Em uma “aula pública” intitulada “Tarifa zero e mobilização popular”, a 27 de junho de 2013, Paulo Arantes levanta uma questão que pode ter um diálogo fecundo com o “Passagens” de Walter Benjamin: “se ‘o gigante acordou’, cabe nos perguntar com o que sonhava ele nos vinte anos em que esteve mergulhado em um sono profundo?”. Disponível em: <<http://blogdaboitempo.com.br/2013/07/03/tarifa-zero-e-mobilizacao-popular/>>. Acesso em 14 de novembro de 2014.

²⁷ O maior exemplo disso são as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) no Rio de Janeiro, cuja experiência piloto foi a ocupação militar brasileira no Haiti. Paulo Arantes faz esse cruzamento na

crecente aumento da criminalização dos movimentos sociais²⁸, mais recentemente dos manifestantes “vândalos” e adeptos da tática *black bloc*. Ressaltando apenas a diferença, nem tão conhecida, de que para os primeiros a bala não é de borracha; desde a insurgência das Jornadas de junho em 2013 a resistência a esse binômio ganhou proporções até então inexistentes: a ação generalizada de tomar a rua como espaço de luta, de modo direto, horizontal e permanente. O dispositivo de controle estatal, sobretudo no interior do atual refluxo das manifestações, é para ambos o mesmo: “Pensando em termos de história militar, contrainsurgência hoje, afirma Bacevich, é uma moeda falsa, uma fraude destinada a perpetuar o estado de guerra no mundo, pois a ‘segurança da população’, por definição, é uma porta que nunca se fecha”²⁹.

Mesmo que no Brasil e na Turquia (Ocupação da Praça Taksim) em 2013 o contexto seja distinto dos Indignados na Espanha, do Occupy Wall Street no coração financeiro do mundo (EUA) e da Primavera Árabe em 2011, ou do levante na Grécia em 2008 e nos subúrbios parisienses em 2005; e mesmo que existam diferenças entre cada contexto em específico, houveram características comuns que podem ser apontadas:

As assembleias gerais eram descentralizadas e funcionavam como uma continuação das reuniões e demandas dos grupos de afinidades menores... O caráter de ocupar uma parte da cidade e torná-la aberta a quem quer que seja para se juntar e construir em conjunto novas relações com as pessoas e o espaço foi fundamental para dissociar a ação política e o ‘protagonismo’ de uma identidade engessada, como ‘trabalhadores’ ou ‘estudantes’ – categorias identitárias simplesmente inacessíveis para crescente parcela da população no novo capitalismo – e abrir espaço para a ação e a livre associação rebelde independentes do seu papel na máquina imperial.³⁰

“aproximação UPP-Minutash” (ARANTES, *op. cit.*, p. 370). No entanto, é a ocupação dos territórios da Palestina a “mãe de todas as ocupações que hoje povoam o mundo” (Idem, p. 358).

²⁸ “A tradição dos oprimidos nos ensina que o ‘estado de exceção’ em que vivemos é a regra” (*Sobre o conceito da história* em BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 245).

²⁹ ARANTES, *op. cit.*, p. 367.

³⁰ FICÇÃO FICTÍCIA. *Balaklava: um chamado à guerra nômade*. São Paulo: 2014. Disponível em: <<http://balaklava.noblogs.org/o-texto/>>. Acesso em 8 de novembro de 2014.

Mas não se trata apenas de multidão. Ao menos no Brasil a influência das Jornadas foi nítida na greve dos garis no Rio de Janeiro, no carnaval de 2014³¹, e dos rodoviários de São Paulo, nas vésperas da Copa do Mundo. Ambas foram abertamente apresentadas pela mídia ao público de espectadores como greves selvagens ao não seguirem a ordem legal e seus respectivos sindicatos. De algum modo, a aparente equivalência entre legitimidade e legalidade foi rompida: “Pode-se simplesmente prever uma coisa: vai ser muito difícil que os atos de contestação, que não deixarão de aumentar nos próximos anos, respeitem os parâmetros da ‘legalidade’ concebidos precisamente no objetivo de condená-los à ineficácia”³².

Em um presente prolongado no qual as expectativas de mudança radical nas estruturas da sociedade existente se reduzem a uma administração do mal menor, o aumento de vinte centavos ou a austeridade do desmantelo do Estado social, o autoritarismo de um regime democrático e sua reforma urbana predatória e excludente ou o assassinato de um jovem negro da periferia, são faíscas que ateiam fogo em um descontentamento bem mais generalizado. Nessas situações o presente não é experimentado enquanto transição, mas enquanto interrupção³³, e aquilo que se apresentava como empobrecimento da experiência e redução das expectativas se desdobra em um nada a perder positivo análogo ao que Walter Benjamin fala em *O caráter destrutivo e Experiência e pobreza*³⁴. Sua principal característica é a profanação como crítica prática da alienação-separação³⁵.

³¹ Sobre isso há o artigo “Aprender com os garis” disponível no site do coletivo Passa Palavra: <<http://passapalavra.info/2014/03/93110>>. Acesso em 8 de novembro de 2014.

³² JAPPE, Anselm. *Violência, mas para quê?*. São Paulo: Hedra, 2013, p. 75.

³³ “Se Walter Benjamin pudesse incluir postumamente um parágrafo na entrada ‘Alarme de incêndio’ de sua Rua de mão única – entrada na qual redefiniria a luta de classes, não como correlação de forças sopesadas numa gangorra sem fim, mas como urgência de apagar o incêndio geral que de qualquer modo os dominantes já atearam –, é bem provável que reconhecesse nesse aparente eterno retorno de uma conjuntura em que campo de experiência e horizonte de expectativa voltaram a se sobrepor, depois de seu longo divórcio progressista, a fisionomia mesma da Revolução, o Acidente original, em suma” (ARANTES, *op. cit.*, p. 97).

³⁴ O texto “Experiência e pobreza” se encontra em BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012. O texto “O caráter destrutivo” se encontra em BENJAMIN, Walter. *Imagens de pensamento/Sobre o haxixe e outras drogas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

³⁵ “[...] a crítica materialista da alienação-separação [...] principiou historicamente pela crítica da religião como instituição do sagrado enquanto dispositivo ou poder que subtrai e confisca coisas, lugares, animais e pessoas da livre circulação entre os homens. Portanto, desse ângulo, toda crítica é um ato profanatório – o que Debord chamava de prática negativa. Ora, a conclusão de Agamben é que

V. Sobre os recentes legados

Desde que se deu a ambígua insurgência sob o território do Estado brasileiro, muito se ouviu acerca da antiga polarização espontaneísmo/trabalho de base. Diante dessa falsa dicotomia a questão talvez seja não recair em unilateralidade. Se a via insurrecional for a única, ela constituirá apenas outra forma de ideologia, uma forma de pensamento, organização e ação coagulada, incapaz de lidar com as particularidades de cada contexto. Coloca-se na mesma ordem o fato de que não podemos atribuir aos mais diferentes “trabalhos de base”, mesmo o do Movimento Passe Livre (MPL), a centralidade diante do conjunto multifacetado dos protestos de rua.

Nenhuma greve de trabalhadores ter sido convocada diante da revolta que se alastrou em 2013 demonstra o atraso dos seus setores organizados. No entanto, o saldo da desobediência nas ruas teve continuidade em greves e ocupações³⁶. A ineficácia da tática *black bloc* no primeiro ato contra a Copa do Mundo convocado pelo MPL em São Paulo é um exemplo do limite da via insurrecional³⁷. Mas de modo algum anula a importância de tal tática para a continuidade do anonimato, da ação direta e da horizontalidade existentes até aqui. Não anula, sobretudo, que essa autodefesa em conjunto com as assembleias de rua foram cruciais para os poucos, mas rápidos ganhos desse período³⁸.

o capitalismo contemporâneo enquanto religião total, quer dizer, um ritualismo integral, impulsionado por imperativos meramente culturais, tornou-se um sistema inteiramente voltado para a ‘criação de algo absolutamente Improfanável’ – e assim sendo, a profanação do improfanável tornou-se a tarefa política da geração que vem [...] é essa a tarefa da insurgência que vem” (ARANTES, *op. cit.*, p. 399).

³⁶ Dentre as ocupações, a do Parque do Cocó no Ceará, a do Cais José Estelita em Pernambuco, a da Câmara Municipal de Belho Horizonte e de Porto Alegre, são alguns dos exemplos.

³⁷ Sobre isso há o artigo “Agora só faltam três reais... e um imenso desafio” no site do coletivo Passa Palavra: <<http://passapalavra.info/2014/06/97065>>. Acesso em 8 de novembro de 2014.

³⁸ “Foi preciso muito bloqueio, muito ônibus depredado, muita lixeira queimada, muito enfrentamento com a polícia, mas também muita assembleia de rua [...] foi preciso, enfim, adicionar à desobediência civil uma forte dose de todas aquelas práticas que a paz armada de nossa interminável transição colocou na ilegalidade [...] Para que os vinte centavos caíssem foi preciso então profanar, nos termos do visionário Silvio Mieli – algo muito mais intolerável que as vidraças quebradas de agências bancárias e assemelhados de marca de luxo –, os santuários do único monopólio que realmente importa, e pior, por gente comum, autoconvocada” (ARANTES, *op. cit.*, p. 434).

A questão é saber lidar com os reflexos das grandes manifestações e ampliar os laços construídos. Afinal, vale lembrar que sobre o atual estado de controle “Ninguém deixa [...] tão claro como o oficial italiano, que, após as manifestações em Gênova, em julho de 2001, declarou que o governo não queria que a policia mantivesse a ordem, mas que gerisse a desordem”³⁹. A gestão da desordem, da insegurança é a principal oferta do Estado.

Esse percurso nos deixa, por fim, além do legado libertário, a unificação das polícias militar, civil e federal e uma nova legislação sobre o crime organizado. Como diz o título do último artigo no livro de Paulo Arantes, “Depois de junho a paz será total”. Paz esta sustentada por uma braço armado e fascismo cotidiano cada vez mais ostensivo⁴⁰. Mas isto “Já o sabem as bichas, sapas e trans; pobres, negrxs e moradorxs de favelas; pessoas em situação de rua, as comunidades indígenas e os animais silvestres”⁴¹. Quanto maior o ruído das crises e das insurgências, tanto maior a marcha da emergência.

³⁹ Passagem de Giorgio Agamben citada no texto “Rumo ao estado de controle global?”, de Jerome Roos. Disponível em: <<http://outraspalavras.net/posts/gerindo-a-desordem-rumo-ao-estado-de-controle-global/>>. Acesso em 8 de novembro de 2014.

⁴⁰ “[...] os ‘coxinhas’ também se insurgiram” (ARANTES, *op. cit.*, p. 399).

⁴¹ FACÇÃO FICTÍCIA, *op. cit.*, p. 13.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREOTTI, Bruno. *Movimentos antiglobalização & práticas anarquistas*. Disponível em: <<http://www.nu-sol.org/agora/pdf/brunoandreotti.pdf>>. Acesso em 8 de novembro de 2014.

ARANTES, Paulo. *O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência*. São Paulo: Boitempo, 2014.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução brasileira de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012 - (Obras Escolhidas v. 1).

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Tradução brasileira de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FACÇÃO FICTÍCIA. *Balaklava: um chamado à guerra nômade*. Disponível em: <<http://balaklava.noblogs.org/o-texto/>>. Acesso em 8 de novembro de 2014.

COMITÊ INVISÍVEL. *A insurreição que vem*. Tradução brasileira de Edições Baratas. Brasil: Edições Baratas, 2013.

JAPPE, Anselm. *Violência, mas para quê?*. Tradução brasileira de Robson J. F. de Oliveira. São Paulo: Hedra, 2013.

MARCOS, Subcomandante Insurgente. *Nem o centro e nem a periferia – sobre cores, calendários e geografias*. Tradução brasileira de Coletivo Protopia e Danilo Ornelas Ribeiro. Porto Alegre: Deriva, 2008.

PASSA PALAVRA. *Aprender com os garis*. Disponível em: <<http://passapalavra.info/2014/06/97065>>. Acesso em 8 de novembro de 2014.

_____. *Agora só faltam 3 reais... e um imenso desafio*. Disponível em: <<http://passapalavra.info/2014/06/97065>>. Acesso em 8 de novembro de 2014.